

Trabalho digital? Uma incipiente revisão sobre modalidades de trabalho em uma nova Era¹

Silvanir Destefani Sartori

Universidade Federal do Espírito Santo

Resumo: O surgimento de uma era em que elementos maquínicos-informacionais-digitais enredam relações sociais, resultou em diversas transformações, entre essas o surgimento de novas modalidades de trabalho que contradiz a tragédia anunciada do fim do trabalho: como sequência surgiu o infoproletariado. Diante dessas transformações, essa incipiente revisão tem por objetivo analisar como o infoproletariado tem sido pesquisado nas ciências sociais e ciências sociais aplicadas no contexto brasileiro no período de 2015 a 2020. Para alcançar esse objetivo, realizou busca e análise de artigos da base de periódico CAPES que tivesse como título ou assunto, indicativos dessa nova modalidade de trabalho. A análise permitiu concluir que é necessário ampliar métodos de pesquisa que envolvam diretamente sujeitos que estão enredados por elementos maquínicos-informacionais-digitais, além da emergência de superar o dualismo online e offline no desenvolvimento de pesquisas.

Palava-chaves: infoproletariado, trabalho digital, trabalho.

Abstract: The emergence of an era in which machine-informational-digital elements entangle social relations has resulted in several transformations, among these the emergence of new modalities of work that contradict the announced tragedy of the end of work: as a sequence the infoproletariat has emerged. Given these transformations, this incipient review aims to analyze how the infoproletariat has been researched in the social sciences and applied social sciences in the Brazilian context in the period from 2015 to 2020. To achieve this goal, it carried out a search and analysis of articles from the CAPES journal base that had as title or subject, indicative of this new modality of work. The analysis allowed the conclusion that it is necessary to expand research methods that directly involve subjects that are entangled by machinic-informational-digital elements, in addition to the emergence of overcoming the dualism online and offline in the development of research.

Keywords: digital proletariat, digital labor, work.

INTRODUÇÃO: CONCEPÇÕES

Se a tragédia para a classe trabalhadora delineada em meados da década de 1980 consistia em seu fim pela ausência de trabalho motivada pelo mundo maquínico-informacional-digital, tal premissa foi contradita e novas modalidades de trabalho tem invadido esse universo com demandas de flexibilidade, caracterizadas por ausência de jornadas pré-fixadas, de tarefas definidas, de remuneração fixa, com metas flexíveis e sem organização sindical (ANTUNES, 2020).

Trata-se de uma expansão global de modalidade laborativa que combina maquinicidade e sujeição, denominado de trabalho digital, online, intermediado por tecnologias da

¹ A expressão “incipiente revisão” é escolhida com o propósito de evidenciar ser o início de um trabalho, e assim sendo, há consciência de fragilidades teóricas e metodológicas.

informação e comunicação (TICs), ou ainda de maneira figurativa, trabalhos “uberizados”. Ou seja, são formas de organização do trabalho com articulação entre humanos e não-humanos (infraestrutura, redes, dispositivos) com ações que medeiam a vida social e conseqüentemente implica a pesquisa e a teoria social (ANTUNES, 2020; PADILHA; FACIOLI, 2018).

Esta maneira de organização do trabalho, configurada por uma prática profissional digitalizada, compreende um dos campos de estudo da disciplina sociologia digital, que se debruça também na análise de dados oriundos das interações digitais, em análises sociológicas do uso de mídias digitais e em análises de mídias sociais em uma perspectiva crítica (LUPTON, 2015).

Entretanto, mesmo que nesse artigo tenha adotado a expressão disciplina, dado ao fato de ser campo de estudo em construção, há referências na literatura de sê-lo subcampo, subdisciplina, ou ainda, subsistem questionamentos se o advento do digital, repercute a construção de uma sociologia que seja inteiramente digital, já que a maior parte (se não todos) os tópicos estudados por sociólogos, tais como identidade, relações de poder, desigualdades, estão no digital (NASCIMENTO, 2016).

Esta mudança social conduz alguns questionamentos sobre a possível emergência na modificação dos caminhos a serem trilhados: é preciso uma nova e grande ideia teórica para a disciplina sociologia? É preciso superar a demasia de se refletir sobre a teoria anteriormente produzida? Durkheim, Weber e talvez Marx permanecem com níveis de suficiência para compreender e “inspirar” métodos na compreensão do social? Certamente é possível que o social seja repensado a partir de trabalhos empíricos que se proponham a novas reflexões face o surgimento de coerções moduladas por novos fatos sociais (ABBOTT, 2000), porém sem que isso represente a superação do desenvolvido até aqui.

Entretanto, independentemente da discussão do *status* do campo, fato é que o advento e a intensificação de relações mediatas por TICs, assim como do próprio infoproletariado, supostamente inaugura ou modifica a maneira de fazer pesquisa, havendo a emergência de instrumentalização tecnológica, unida a reflexões diante das interações sociais que compõe a era digital (NASCIMENTO, 2016).

Diante dessa problemática, o objetivo desse artigo é analisar como infoproletariado tem sido pesquisado nas ciências sociais e ciências sociais aplicadas no contexto brasileiro,

considerando o período de 2015 a 2020. Para atingir esse objetivo foi analisado artigos disponíveis no base de dados do periódico CAPES, dos quais, foi observado: área de conhecimento da publicação, abordagem metodológica, técnica de produção de dados empregada, se a pesquisa foi diretamente com seres humanos, observância de aspectos éticos e qual forma de trabalho foi abordada.

A análise proposta justifica-se pela emergência de compreender a maneira como o infoproletariado tem sido pesquisado, e por conseguinte permitir constatar possíveis lacunas de representatividade de formas de trabalho, capazes de conduzir novas pesquisas. Ao tempo, permite compreender como tem sido desenvolvido um dos campos da sociologia digital, conduzindo reflexões sobre o *status* do referido campo.

Oportunamente, a revisão pretendida é classificada como incipiente, dada limitações metodológicas citadas ao longo dessa produção, dificultadoras de abrangência do corpus analisado, percebendo-a, portanto, como em processo de construção.

Com isso, para atingir o objetivo proposto, como trajetória conceitual será apresentado a seguir o conceito de digital e seus elementos, sequente a conceituação de infoproletariado. Após, discorrerá a trajetória metodológica desse artigo, atingindo por fim a compreensão do objetivo proposto.

O DIGITAL: NOVO ESPAÇO, NOVAS RELAÇÕES E/OU NOVA ERA?

A perspectiva de digital aqui empreendida, refere-se ao aspecto sociotécnico das relações, resultante de relações híbridas formadas entre elementos humanos e não humanos. É o emaranhado de interações e relações sociais condicionadas pela tecnologia, todavia não necessariamente determinadas pela tecnologia. Trata-se de conjunto de práticas moldadas ao longo de processos sociais, articulando diversas forças, tais como econômicas, culturais e políticas (PADILHA; FACIOLI, 2018; FACIOLI; PADILHA, 2020).

Neste emaranhado de relações, caracteriza-se como elemento intermediador – o não humano – a *web* (*World Wide Web*), ao qual, sua existência é possibilitada pela precedência da internet. À primeira vista àqueles menos familiarizados com as relações enredadas como digitais, a *web* e a *internet* aparentam como conceitos sinônimos, entretanto há diferenças técnicas substanciais que repercutem na maneira de pesquisar e refletir sobre essas relações (PADILHA; FACIOLI, 2018)

Nesse sentido, a internet consiste na rede que conecta computadores e demais equipamentos, enquanto a *web* é o mecanismo possibilitador de interação, cooperação e conexão. Dessa maneira, a investigação/pesquisa sobre o digital, mesmo que possibilitada pela junção dos elementos internet e *web*, objetiva a compreender as interações propiciadas e enredadas pelo elemento *web* (PADILHA; FACIOLI, 2018).

Ao longo do tempo a maneira de compreender as relações intermediadas e enredadas pela *web*, sofreu significativas modificações, acompanhada pelas transformações da própria tecnologia. Inicialmente existia a perspectiva de ciberespaço, representando que o sujeito conectado estaria em um espaço específico: no online. Nesse tempo, década de 1990, o offline era considerado como o “aqui”, “o real/offline”, e o “lá”, na tela/online. “Estar online seria ocupar um espaço portador de inúmeras possibilidades” (FACIOLI; PADILHA, 2020, p. 26).

Nesses tempos a *web* estava em sua modelagem 1.0, de lá para cá fora transformada em *web* 2.0, atingindo a versão *web* 3.0 e em cada uma dessas vertentes promovendo interações com características distintas. Em sua versão *web* 1.0 caracterizava-se a internet por usuários mais passivos, com uso de sites, pouca criação de conteúdo por esse usuário e acesso mediante equipamentos com modelos de *hardware* fixados em determinado local (*desktops*) (LUPTON, 2015).

Já a *web* 2.0 surge sinalizando o atingimento de uma versão semântica. Nessa versão, o usuário cria conteúdo e comentários, surgem as redes sociais, a computação torna-se onipresente mediante dispositivos móveis e há convergência de mídias. Este movimento transformacional, atinge a *web* 3.0 em que os usuários não estão simplesmente conectados uns aos outros elaborando conteúdos, e sim em um ecossistema que utiliza de dados produzidos pelos usuários, conduzindo-os para publicidades e consumo (LUPTON, 2015; FACIOLI; PADILHA, 2020).

Nesta versão, também denominada de *Web* Semântica ou *Web* Inteligente, a informação é organizada de maneira compreensível para o ser humano assim como para a máquina, fazendo com que o conteúdo acessado seja cada vez mais personalizado para quem o acessa. Há aqui o uso de formas algorítmicas, compreendidas como método de processamento de informações que transforma em um determinado conjunto de dados (PADILHA; FACIOLI, 2018).

Nesta fase, está superada a divisão cartesiana proposta a partir da noção de ciberespaço. Adentra-se na concepção de digital, em que as relações digitalmente mediadas são produzidas na vida cotidiana, em que “o software não apenas medeia, como também reconfigura as formas de interação que se dão em uma interface digital” (PADILHA; FACIOLI, 2018, p. 311).

Ou seja, o dualismo digital – tendência de compreender online e offline como espaços distintos – torna-se errônea, pois o digital e o físico se entrelaçam formando uma realidade aumentada (JURGENSON, 2012). Portanto, o digital não representa novos espaços, mas modificações no estabelecimento de relações, se consolidando como desafio a sociologia e constituindo emergência de distinção do campo, à medida que há o reconhecimento de vidas que são, ou pelo menos, estão no digital (LUPTON, 2015).

É nesse contexto da *web 3.0* que se intensifica a formação do infoproletariado, tendo como uma de suas características o controle dos trabalhadores por dispositivos tecnológicos e de rede, e o uso de algoritmos, conceituado na seção a seguir.

TRABALHADORES DIGITAIS? A FORMAÇÃO DO INFOPROLETARIADO

A conceituação aqui pretendida é acompanhada de desafio, uma vez que o advento do infoproletariado e das categorias que o compõe, estão em pleno desenvolvimento e transformação, resultando em polissemia de expressões com potencialidade de serem questionadas. Não significa equívocos, mas multiplicidade de interpretações a partir de diversos posicionamentos epistemológicos sobre fato em consolidação.

Esse desafio atinge a pretensão dessa revisão tornando-a falha, ou com indícios de fragilidade, pois exige lidar com percepções de diversos autores que descrevem o mesmo fato com diferentes nomenclaturas. Esta evidenciação justifica o uso da expressão trabalho digital, trabalho online, intermediado por tecnologias da informação e comunicação (TICs), “uberizados” trazido na primeira parte desse artigo, que mesmo sendo posto em reflexão, utiliza-se para a produção dos dados analisados.

Porém perceber o fato como em plena transformação, conduz a tentativa de traçar caminho com finalidade de conceitua-lo, considerando o já desenvolvido sobre o trabalho e o digital. Para tanto, a primeira emergência é destacar que a existência do trabalho pressupõe coexistência do fator humano, sendo-o atividade manifestada pelo sujeito humano ao interpretar as prescrições para o trabalho (DAVEZIES, 1991).

Assim, o trabalhador “se apresenta como figura de autor–intérprete no centro da cena do trabalho, ocupado em tecer sua ação com os fios de um significante que lhe dá um sentido [...]” (CLOT, 1998. p. 211), de modo que não é possível substituir o humano por autômatos, pois trabalhar é a criação do novo, exige iniciativa, inventividade, criatividade e emprego de inteligência (DEJOURS, 2007).

Dessa imprescindibilidade do fator humano para a existência do trabalho, conduz a revisitação crítica de expressões como trabalho online e trabalho digital, já que o “online” e o “digital” são elementos não humanos de interface para o trabalho, não podendo ser o trabalho em si. De outro modo, também é conceitualmente ineficaz situar o trabalho no online ou no digital, já que nessa condição o digital e o online representariam locais onde se realiza o trabalho, ou seja, concepção contradizente à atual *web 3.0*.

Com isso, a forma de trabalho pesquisada nessa revisão, compreende atividades executadas com intermédio de tecnologias de informação e comunicação (TICs), ao qual, se consolidam através do uso de aplicativos, plataformas, sites, que conectam as mais diversas modalidades de trabalho - destaque para o setor de serviços (*call center, fast-food, transporte*) (ANTUNES, 2020).

Trata-se de uma transformação do trabalho na era digital, que ao invés da concretização de uma hipótese de eliminação, expande-se, advindo o infoproletariado. Logo, além da caracterização do trabalho por seu intermédio com elemento não humano, tem sua referência temporal como oriundo da era digital (ANTUNES, 2020). Neste caso, deriva-se do maquinário-informacional-digital, uma era e não um espaço.

Esta maneira de organização do trabalho, controle do trabalhador e formador de uma nova morfologia do trabalho, consolidado em diversas e diferentes organizações (natureza, configurações e tamanhos) desafia os estudos sociológicos, pois dela emerge uma economia que está alicerçada em *softwares* e aplicativos, e por conseguinte com diversos desdobramentos sociais, culturais e políticos (LIMA; BRIDI, 2019).

Esta forma de intermédio do trabalho, é caracterizado por contrariedades das quais remetem a precarização, tais como extensivas jornadas de trabalho, informalidade, baixa remuneração, trabalho intermitente, e a instrumentalização de distorções comunicacionais com objetivo de evidenciar um suposto privilégio de autonomia e liberdade do trabalhador (ANTUNES, 2020).

Tais características resultaram que trabalhos com características de precarização, fossem também adjetivados com referências ao intermediado pelo digital. Como exemplo, o uso da expressão “uberização”, tornou-se sinônimo de trabalhos marcados por desregulamentação, independentemente de seu intermédio por TICs. Frequentemente, autores/pesquisadores alertam para o risco da uberização de determinada categoria de profissionais, inexistentes quaisquer elementos de maquinicidade informacional tecnológica.

Diferentemente, a execução dos trabalhos intermediados por TICs (origem da expressão uberização) compreende a estrutura organizacional em uma empresa privada que gere um aplicativo – a TIC -, e por conseguinte se apropria do mais-valor gerado por aqueles que realizam o trabalho. Enreda essa relação trabalhadores que se vinculam de maneira “autônoma” a TIC, fornecendo além da força de trabalho, o instrumento de trabalho (ANTUNES, 2019; 2020).

Portanto, o infoproletariado é caracterizado por categorias e modalidades de trabalho que o elemento humano (trabalhador) está vinculado a uma estrutura (TIC, aplicativo), a qual, controla o trabalho e enreda todas as relações oriundas da execução da atividade.

Assim, com a finalidade de atingir o objetivo de analisar produções que compreendem o infoproletariado, a seguir será apresentado a trajetória metodológica dessa incipiente revisão.

TRAJETÓRIA METODOLÓGICA

Para atingir o objetivo proposto nesse artigo utilizou-se uma revisão de meta-síntese, sintetizando estudos de abordagem qualitativa e quantitativa com a finalidade de localizar temas, conceitos e aspectos metodológicos sobre o desenvolvimento de pesquisas sobre o trabalho intermediado por TICs (GALVÃO; RICARTE, 2019).

Assim, esta revisão analisa as produções categorizadas como artigos, publicados entre os anos de 2015 a 2020, disponíveis no portal de periódicos da Comissão (CAPES), classificados como publicados na área das ciências Sociais e Ciências Sociais Aplicadas, tendo por atravessamento a análise de trabalho intermediado por TICs.

O ponto de partida para a produção dos dados e seleção dos artigos analisados, ocorreu a partir de Antunes (2020), ao qual, nomeia o trabalho intermediado por TICs, também como trabalho digital, trabalho online, teletrabalho, além da utilização do adjetivo “uberização”.

Conforme já descrito, a multiplicidade de expressões usadas para definir o trabalho intermediado por TICs, representa uma limitação na análise empreendida nesse artigo, já que se admite a existência de produções que não utiliza das expressões supracitadas e por consequências não analisadas.

Também, mesmo tendo sido proposto refletir sobre a adequação das expressões trabalho online e trabalho digital, a produção dos dados (busca pelos artigos) ocorreu mediante esses termos, por evidentemente as produções usarem esses termos.

Dessa maneira, a busca pelos artigos aqui analisados, ocorreu mediante pesquisa no periódico CAPES pelas expressões contidas no assunto e no título: trabalho digital, trabalho online, tecnologias de informação, uberização e teletrabalho. Esta busca resultou na seleção de 69 (sessenta e nove) artigos, dos quais, 39 (trinta e nove) eram de áreas diferentes a ciências sociais e ciências sociais aplicadas (educação, tecnologia da informação, psicologia, saúde entre outras áreas), não analisados nessa revisão.

Com isso, o corpus de análise nessa revisão compreende 30 (trinta) artigos, oriundos de áreas como sociologia, direito, administração e dois desses classificados como multidisciplinar.

Após a seleção dos artigos, esses foram analisados e categorizados conforme objetivos dessa revisão: abordagem metodológica (qualitativo ou quantitativo), técnica de produção de dados, pesquisa direta (ou não) com humanos, observância de aspectos éticos. Com isso, atingiu-se os resultados apresentados a seguir.

RESULTADOS E REFLEXÕES

Os artigos selecionados como corpus de análise nessa revisão são oriundos das áreas de administração (5), sociologia (3), direito (14) e multidisciplinar (8). Esta última categorização – multidisciplinar – foi elencada mediante a percepção no processo de análise que mesmo a produção estivesse no contexto das áreas ciências sociais ou ciências sociais aplicadas, sua abrangência está em mais de uma disciplina.

A classificação dos artigos nas áreas citadas, conduzem a reflexão de que a multiplicidade de expressões lançadas para nomear o trabalho na era digital, ou ainda, o trabalho intermediado por TICs, são possíveis condutores de vieses na produção do corpus analisado. Ou seja, as expressões usadas para a busca dos artigos, são características de determinadas

áreas do conhecimento, nesse caso ciências sociais, administração e direito, e possivelmente não tão comuns entre outras áreas.

Nesse sentido, os artigos excluídos do corpus conforme descrito na trajetória metodológica, trazem indícios que as expressões pesquisadas também se fazem presentes em outras áreas como na educação, onde a expressão digital é usada como atravessamento entre o uso de tecnologia e o trabalho docente, e em algumas circunstâncias, fomenta a discussão da tecnologia com impacto na execução da atividade.

Ilustra essa condição a produção de Campos (2017) com a análise da hipótese que há convergência entre tecnologia, comunicação e arte com a educação, sendo uma proposta que atinge a condição de trabalho docente, porém se consolida como análise da consequência da tecnologia para os processos de educação, ao qual, evidentemente também se transforma mediante os efeitos da era digital.

Em contrapartida, o trabalho nomeado como digital também é recorrente na literatura na área da educação com o propósito de compreender as implicações do digital no trabalho docente com a contextualização de sê-lo engendradas pela dinâmica capitalista e neoliberal, porém trazem como conclusão a percepção de que os professores pesquisados não percebem exploração de seu trabalho. Contrariamente, tecnologias digitais facilita a atividade docente (KALLAJIAN; AQUINO, 2014).

Inobstante, adjetivos como uberização e teletrabalho, tem sido expressões usadas para evidenciar a precarização e a desregulamentação de diversas modalidades de trabalho, independentemente de serem intermediado por TICs. É reflexo dessa constatação a recorrência no corpus de artigos analisados da área de direito, em que há discussão na perspectiva de regulação e superexploração do trabalho.

Nesse sentido, as mudanças verificadas em como o trabalho ocorre com o advento da era digital, são tratadas como mudanças paradigmáticas e não somente como alterações na instrumentalização da execução do trabalho. Trata-se de uma evidência que há mudanças no mundo do trabalho que afetam as relações capital-trabalho, inaugurando novas maneiras de exploração (RAPOSO, 2020).

Entretanto, a percepção dos autores referente a um adensamento de uma era que tem por definidor o digital, é ainda acompanhada do dualismo entre offline e online, ou seja, há reflexos das interações ocorridas antes da *web 3.0* com relações específicas a cada espaço.

Acompanha essa percepção, uma tentativa de modulação do online por aquilo que supostamente ocorre na dualidade com o offline. Se consolidam reflexões que sugerem a regulação de direitos nas relações enredadas digitalmente, tal como naquelas em que são inexistentes a intermediação por TICs.

Já os caminhos metodológicos adotados nos artigos analisados, é predominante o uso da abordagem qualitativa (27), seguindo de abordagem mista (quantitativa e qualitativa) e apenas um deles com abordagem quantitativa. Deriva dessas abordagens o emprego de técnicas de produção de dados mediante revisão de literatura (20), relato e estudo de caso (7), questionário (2) e entrevista (1).

Esta maneira de concretização de pesquisas, se coaduna a percepção de que relações de trabalho são complexas e polivalentes, empreendidas com níveis de realidade que nem sempre podem ser quantificados, e, portanto, trabalha com universo de significados que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis (MINAYO, 2011).

Como consequência do maior emprego da revisão como técnica de produção de dados, poucos foram os artigos que analisaram dados produzidos diretamente com sujeitos (apenas 5), o que resulta na desnecessidade de observar aspectos éticos preconizados pela resolução 510 de 2016 do Conselho Nacional de Saúde (BRASIL, 2016). Em contrapartida, os artigos produzidos mediante a produção de dados diretamente com seres humanos (entrevistas e questionário), não se ocuparam em esclarecer se observaram ou não as diretrizes determinadas pela norma supracitada.

Essas diretrizes são aplicáveis as pesquisas de qualquer área de conhecimento que envolvem seres humanos, preconizando cuidados éticos com os sujeitos de pesquisa, tais como anonimato, assistência, adequação dos métodos com os objetivos da pesquisa, garantia de autonomia ao sujeito participante entre outros cuidados que visam a preservação da integridade do participante, ao qual, são assegurados pelo pesquisador e verificados pelo Comitê de Ética e Pesquisa (CEP), desde que o projeto de pesquisa seja submetido a plataforma Brasil. (BRASIL, 2016).

Por outro prisma, a metodologia empregada nos artigos analisados, traz como reflexão a necessidade de que se amplie a realização de pesquisas que envolvam sujeitos, pois nessa forma de pesquisa é possível compreender as contrariedades do trabalho na era digital sob a percepção de quem executa a atividade, o trabalhador.

Também, a metodologia dos artigos analisados, demonstram que diante da era digital, os métodos de pesquisas não se transformaram significativamente para captarem/compreenderem as nuances das novas relações que se enredam nessa era. Ou seja, a construção de um campo de pesquisa com a especificação de compreender o digital, depende da ampliação das reflexões e por conseguinte de consolidação.

Nesse sentido, refaz a referência contida na introdução dessa incipiente revisão da necessidade de que o social seja repensado a partir de trabalhos empíricos, com a proposta de novas reflexões, haja vista o surgimento de coerções moduladas por novos fatos sociais (ABBOTT, 2000).

Por fim, destaca entre os artigos analisados a possível classificação entre aqueles que buscam compreender as consequências da era digital de maneira crítica, reflexiva e abrangente sobre os efeitos da era digital para com o trabalho (20), enquanto os demais (10) se ocuparam em considerar categorias específicas.

Entre os artigos do primeiro grupo destaca-se análises sobre como o trabalho na era digital se consolida, com debruce principalmente sobre precarização e desregulamentação. Enquanto no segundo grupo, há consideração de categorias como trabalhadores de transporte e passageiros por aplicativo, docentes, trabalhadores da administração pública e profissionais da enfermagem.

CONCLUSÃO

Tendo sido objetivo desse artigo analisar como infoproletariado é pesquisado nas ciências sociais e ciências sociais aplicadas no contexto brasileiro, atinge a conclusão na emergência de ampliar o corpus analisado, já que na trajetória fora identificado limitações na metodologia elaborada.

A primeira dessas limitações é a escolha das expressões para busca, ao qual, mesmo que reflitam o trabalho na era digital, não se mostraram adequadas para captar determinadas modalidades de trabalho, como por exemplo, produtores de conteúdo e *influencers*.

Outra limitação, foi a escolha da base de dados, sendo necessário considerar a multiplicidade dessas e conseqüentemente ampliar a busca. A superação dessa limitação, pode ocasionar a abrangência de mais modalidades de trabalho ocorridas na era digital.

Em contrapartida, essa produção permanece como contributiva, quando é capaz de captar a necessidade de se ampliar o universo de pesquisas empíricas (que sejam realizadas diretamente com trabalhadores), a emergência de observar aspectos éticos conforme diretrizes, o posicionamento conceitual de superar o dualismo entre offline e online e por evidenciar que o trabalho na era digital tem sido usado para adjetivar trabalhos precários.

Essas limitações e contribuições, servem para conduzir pesquisas futuras, principalmente ao eu pesquisador que se situa como incipiente diante da polivalência e contrariedades do trabalho na era digital.

REFERÊNCIAS

ABBOT, A. Reflections on the future of sociology. **Contemporary Sociology**, v. 29, n. 2, p. 296–300, 2000.

ANTUNES, R. **O privilégio da servidão: o novo proletariado de serviços da era digital**. 2. ed. São Paulo: Boitempo, 2020.

ANTUNES, R. Proletariado digital, serviços e valor. In: ANTUNES, R. (Org.). **Riqueza e miséria do trabalho no Brasil IV**. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2019.

BRASIL. Resolução nº 510, de 07 de abril de 2016. Dispõe sobre as normas aplicáveis a pesquisas em Ciências Humanas e Sociais. **Conselho Nacional de Saúde**, Brasília, 07 de abril de 2016. Disponível em: <<http://conselho.saude.gov.br/resolucoes/2016/Reso510.pdf>>. Acesso em: 27 jul. 2021.

CAMPOS, F. A. C. Convergência na educação: políticas, tecnologias digitais e relações pedagógicas. **Trabalho e Educação**, v. 25, n. 2, p. 219 – 220, 2017.

CLOT, Y. **Le Travail sans l'homme?** Pour une psychologie des milieux de travail et devie. Paris: La Découverte, 1998.

DAVEZIES, P. H. Éléments pour une clarification des fondements épistemologique d'une science du travail. **Communication au Colloque National de la Société Française de Psychologie**, Clermont-Ferrand, 1991. Disponível em: http://philippe.davezies.free.fr/download/down/Une_sciences_du_travail_1991.pdf. Acesso em 30 nov. 2016.

DEJOURS, C. **A banalização da injustiça social**. 7. ed. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2007.

FACIOLI, L.; PADILHA, F. Apresentação. Sociologia digital – tópicos e abordagens teórico-metodológicas da pesquisa social no século XXI. **Estudos Sociológicos**, v. 25, n. 48, p. 21 – 35, 2020.

GALVÃO, M. C. B.; RICARTE, I. L. M. Revisão sistemática da literatura: conceituação, produção e publicação. **Logeion: filosofia da informação**, v. 6, n. 1, p. 57 – 73, 2019.

JURGENSON, N. When Atoms Meet Bits: Social Media, the Mobile Web and Augmented Revolution. **Future Internet**, v. 4, n. 1, p. 83-91, 2012.

KALLAJIAN, G. C.; AQUINO, O. F. Implicações da tecnologia digital no trabalho docente: sua expressão na literatura científica atual. **Cadernos de Pesquisa: Pensamento Educacional**, v. 9, n. 23, p. 209 – 240, 2014.

LIMA, J. C.; BRIDI, M. A. Trabalho digital e emprego: a reforma trabalhista e o aprofundamento da precariedade. **Caderno CRH**, v. 32, p. 325 – 341, 2019.

LUPTON, D. **Digital Sociology**. Routledge, 2015.

MINAYO, M. C. S. **O Desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. São Paulo: Hucitec, 2011.

NASCIMENTO, L. F. A sociologia digital: um desafio para o século XXI. **Sociologias**, v. 18, n. 41, p. 216 – 241, 2016.

PADILHA, F.; FACIOLI, L. Sociologia Digital: apontamentos teórico-metodológicos para uma análise das mídias digitais. **Ciências Sociais Unisinos**, v. 54, n. 3, p. 305 – 316, 2018.

RAPOSO, C. T. M. A escravidão digital e a superexploração do trabalho: consequências para a classe trabalhadora. **Katál**, v. 23, n. 3, p. 510 – 518, 2020.